

“Sou bailarina, e na dança aprendi a observar e sentir o corpo internamente, ao mesmo tempo em que olhava e sentia os outros e o mundo dito «exterior». Descobri que, na dança, os micro e os macro-olhares

muitas vezes se constroem a partir dos mesmos parâmetros.

Aruna e a arte de bordar inícios segue essa mesma lógica: pensar a reconstrução pessoal a partir do processo de reconstrução de uma cidade após uma catástrofe natural.”

Aruna e a Arte de Bordar Inícios

Ainhoa Vidal

CCB . 30 de janeiro a 2 de fevereiro . Pequeno Auditório

Quinta e Sexta: 11h00 (escolas) | Sábado: 19h00 e Domingo: 16h00 (público geral)

Acessibilidade: A sessão de 2 de fevereiro contará com audiodescrição para o público cego

ou com deficiência visual.

Teatro para M/6 anos com conversa pós-espetáculo 50 min. + conversa



Criação, interpretação, texto, figurinos **Ainhoa Vidal**

Interpretação, desenhos, cenografia **Carla Martinez**

Direção musical e arranjos **Luís Martins**

Composição e letra **Pedro da Silva Martins**

Voz **Zoe Vidal**

Piano **Joana Sá**

Bateria **Sérgio Nascimento**

Coros **Nazaré da Silva, Theo Vidal, Aldina Duarte**

Gravação e mistura **Joaquim Montes**

Exposição e recolha de conteúdos **Simon Deprez e Eléonore Labattut**

Criação de luz **Nuno Salsinha**
Assistência cenográfica **Matilde Salsinha**
Construção de maquete **Gonçalo Marques, Tommy Grainger**
Vídeo **José Torrado**
Produção **menosmuitomais CRL**
Coprodução **Vida Virtuosa, Teatro Municipal do Porto, Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes**
Apoios Residência **c.e.m., Quinta Alegre, Teatro da Voz**
Projeto financiado por **República Portuguesa e Direção-Geral das Artes**
Agradecimentos **Sonoscopia, Henrique Fernandes, Fernando Mota, Hélder Nelson, Sérgio Milhano, Sandra Neves**

Tudo começa com um silêncio, o silêncio que antecede uma catástrofe.
Há catástrofes e catástrofes, umas que nos afetam enquanto sociedade, outras individuais em que perdemos o chão que nos convinha.
E depois desse acontecimento?
Um recomeço, uma reconstrução — e é neste coração em guerra que encontramos sempre a nossa arma selvagem, a nossa força de coragem.
A cidade perdeu o chão, Aruna a gravidade.
A partir de um teatro de sombras cantado por uma criança, Aruna, de 10 anos, conta-nos a história de uma reconstrução social e humana em tempos de adversidade.
Este espetáculo convive com uma exposição feita por Eleonore Labatut e Simon Deprez, arquitetos dedicados ao trabalho de reconstrução em lugares atingidos por catástrofes naturais.